

Cultura, Política e Psicanálise

Neste segundo número do ano de 2024, a Trivium dá sequência ao objetivo de continuar a promover diálogos da Psicanálise com outros campos de saber, reafirmando, assim, a marca de uma revista de psicanálise aberta aos estudos interdisciplinares e transdisciplinares. Esse movimento tornou viável a publicação de artigos que indicam o esforço dos autores em contribuir para a expansão da descoberta freudiana à cultura, assim como em enriquecer os estudos clínicos e a teoria do inconsciente. Enfim, o leitor tem em mãos um farto material que reafirma o espírito do Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da UVA.

“Pelos Frestas do Mundo: Cartas e Partilhas entre Lygia Pape e Hélio Oiticica”, de Tania Rivera, abre a sequência de artigos em torno dos diálogos entre cultura, política e psicanálise. A autora busca caracterizar as relações entre arte e política através dos conceitos poéticos presentes na correspondência entre esses expoentes da arte brasileira, Lygia Pape e Hélio Oiticica, nos anos subsequentes à decretação do Ato Institucional n. 5, em fins de 1968 e ao longo do ano de 1969. Keilah Freitas Gerber, em “Pior do que a morte: as palavras e a desumanização”, mostra a importância das palavras e sua incidência na constituição do sujeito humano, bem como na relação entre a cultura e a formação das subjetividades e, à luz da teoria psicanalítica, revela os efeitos destruidores da linguagem do ódio durante o regime nazista.

No artigo “A dupla face da ignorância”, de Laura Macedo e Nilda Sirelli, o leitor terá acesso à mórbida combinação entre ignorância e ódio, formalizada por Jacques Lacan. As autoras mostram como as recentes manifestações da política neofascista, ganham força nos próprios processos da constituição do sujeito, que em um dado arranjo neoliberal, potencializam o que há de gozo mortífero no aparelho psíquico. O apego exacerbado à ideologia funciona de modo semelhante à religiosidade acirrada: camufla a verdade do sujeito dividido. Em “Para que se expor?”, Luiza Ary Aguiar e Aline Nogueira de Lira apresentam uma pesquisa cujo resultado mostrou alguns atravessamentos da heteronormatividade nos vínculos conjugais homoafetivos. As autoras constataram que a política de hostilidade e violência para com os casais homossexuais ainda é exercida por uma grande parte da sociedade brasileira. Por outro lado, o estudo revelou também a força do vínculo conjugal como possibilidade de enfrentamento ao preconceito.

No que diz respeito aos avanços da clínica e da teoria psicanalítica, Emiliane Antunes e Pedro Cattapan, em “O desejo nas psicoses: o desejo ‘mais além’ do Pai”, caminham pelos postulados freudianos e lacanianos para localizar pontos fundamentais que contribuam para o aprofundamento de estudos sobre a prática psicanalítica com sujeitos psicóticos. Nathan Barbosa e José Maurício Loures, retomam em “Escutar com o terceiro ouvido? uma interpretação reveladora no caso do Homem dos Ratos” um dos cinco grandes casos clínicos de S. Freud, paradigma da clínica da neurose obsessiva e, em base a abordagem desse caso por J. Lacan, mostram como Freud alcançou a verdade do sujeito inconsciente no dilema do paciente Ernst Lanzer.

Ainda sobre a clínica psicanalítica, “Transferência e repetição: motor ou obstáculo da análise?”, de Marina Garcez, Cristiane Seixas e Marco Antonio Coutinho Jorge, oferece ao leitor um rastreamento dos momentos determinantes da conceituação desses dois operadores clínicos e teóricos na obra freudiana e nas contribuições do ensino de J. Lacan.

No que concerne ao diálogo interdisciplinar entre Psicanálise e Filosofia, Noga Wine no artigo “Nome-do-Pai e autoridade: Lacan e Hanna Arendt”, articula os chamados textos antropológicos de Freud, o conceito lacaniano do Nome-do-Pai e o conceito arendtiano de autoridade, este último ligado diretamente relacionado à tentativa da filósofa de resgatar a dignidade da política, e propõe uma discussão em torno dos desfiladeiros da transferência no processo analítico.

O manuscrito inédito de Elizabeth Cruz Müller, falecida em fevereiro de 2024, cuidadosamente editado para publicação em nossa revista sob o título – “A questão do final de análise à luz de uma experiência de Albert Camus” – reafirma que as articulações da Psicanálise com a Literatura, presente desde os primórdios da aventura freudiana, é uma via frutífera à transmissão e produção do saber psicanalítico. Debruçando-se sobre a obra *Avesso e o direito* a autora mostra que Camus reconstrói o próprio passado naquilo que reconhecia como sua verdade primeira e última, validando, assim, sua hipótese de que esse livro ilumina o dispositivo de passe na formação do analista.

A resenha de Rosane Coelho “O analista em seu laboratório: entre ciência e arte” destaca o reconhecimento do autor de *Fundamentos da Psicanálise – de Freud a Lacan* – volume 4, Marco Antonio C. Jorge, de que a interdisciplinaridade foi a condição necessária para a construção do campo psicanalítico e permanece sendo sua metodologia estabelecer diálogos frutíferos com outros saberes, como a história, a filosofia, a antropologia, etc., e os vários campos da arte, como a literatura, o teatro, o cinema, as artes plásticas e a poesia.

Na seção Artes, o ensaio crítico “Anatomia de um processo”, de André Rennó Lopes da Costa Cruz e Marília Rennó, revela a singularidade do filme vencedor da Palma de Ouro em Cannes em 2024, *Anatomia de uma queda*: pode servir de ponto de partida para uma autocrítica social quanto à ânsia de punição dominante, bem como à frágil defesa de quem se sente no banco dos réus carregando estigmas impingidos por uma sociedade machista, homofóbica e racista.

Betty Bernardo Fuks
Editora Responsável